

Pílulas d’antanho . Casos e *causos* pitorescos relatados por um velho advogado.

Aldo Rodrigues de Souza,
advogado. em Santos.

Casos pitorescos

Prova ilegal !?

O Juiz era um “caipirão”, vestindo jaleco e fumando cigarro de palha. O interrogatório tratava de um crime de sedução. O Réu negou a infração, negou qualquer relacionamento sexual. Saiu da sala de audiências com sorriso matreiro nos lábios e logo em seguida saiu o Juiz. Já no corredor, o juiz aproximou-se do réu e perguntou-lhe de maneira amistosa :- “Como é meu filho , tudo bem?” Diz ainda o juiz: - “Agora, que você foi interrogado e já acabou tudo, falando de homem para homem , pode me dizer , sem medo , você deu uma “bimbadinha”, não é ? Foi bom?” E o rapaz confirmou : -“Dei sim” e foi muito bom” . Retrucou o juiz : -“Então é verdadeira a acusação” -“ Volta aqui , meu rapaz” , fazendo-o entrar novamente na sala de audiências , -“vamos aditar o seu interrogatório...”

Tempos de crise... Tempos de desconfiança...

A sala era a de audiências da Juíza do Trabalho. A cena retratava o empregador a fazer acordo com o empregado e a depositar, sobre a mesa das negociações , o dinheiro correspondente ao valor do acordo formulado. Em moeda corrente. O empregador assina o termo de audiências em que estava datilografado o acordo ; o empregado põe o dinheiro no bolso e permanece inerte. A Juíza determina ao obreiro que assine o termo . Diz o empregado: - “Não assino”. O espanto de

todos quantos estavam na sala invade o ambiente. A Juíza insiste, -“Assine o termo”. O empregado, novamente retruca: -“Não assino”. Os olhos do empregador parecem crescer em sua face. Todos dirigem seus olhares para o empregado, ainda mais apreensivos. A Juíza insiste ainda uma vez -“Assine o termo”. O empregado repete:- “não assino”, e quando o empregador e seu advogado já estavam prontos para pular sobre o empregado , evitando-lhe a fuga , soa um balbuciar, quase ininteligível - “Eu não assino; só sei por o dedo...”, mostrando o polegar. Aí é que todos se deram conta de que o empregado era analfabeto. Tempos de crise... tempos de desconfiança...

Prescrição antecipada.

O advogado vinha lutando por longo tempo naquela causa criminal. A causa era ingrata para a defesa e a melhor e praticamente única tese defensiva era a da prescrição. O cliente , como habitualmente fazia nos últimos dois anos na visita mensal ao advogado, perguntou-lhe como estava o caso. E aí, o advogado teve a imprudência de comentar : -“Faltam poucos dias para a prescrição do processo; mais quatro dias e o Senhor fica livre para a sua viagem pelo mundo”. -“É só ter um pouco de paciência e logo, logo , o seu problema estará resolvido”.- “Tenha calma”. Dois dias depois, estava de volta o cliente ao escritório. Todo contente e entusiasmado, contava ao seu advogado -“Doutor, fique tranquilo” .-”Ontem, fui falar com o Juiz para pedir-lhe antecipação da minha prescrição. E ele disse que examinaria o caso” - “Ele me atendeu muito bem, muito educadamente...”. E estavam nesse papo, quando a secretária anunciou: -“Doutor , está aí fora um Oficial de Justiça para intimar o Senhor da Sentença do caso que iria prescrever amanhã...”

Qualquer revolução é sempre perigosa...

A época era a da Revolução. Muitos presos políticos estavam aprisionados no navio Raul Soares , surto à Barra de Santos enquanto se instrua o processo. A grande maioria foi absolvida por falta de provas, como os acusados neste caso. A soltura não dependia do Magistrado , pois , a prisão preventiva era obrigatória. O Juiz tinha dificuldade em lidar com o fato. Algumas mulheres que hoje seriam consideradas as “patricinhas” ou “emergentes” vieram pedir rigor ao Juiz .Solicitar que o Juiz não tivesse consideração com os réus presos no navio; que os condenasse e os deixasse presos por muito tempo, que os fizesse sofrer na prisão improvisada . Entraram na sala do Magistrado e começaram a reivindicação. Lá pelas tantas, o Juiz as interrompeu, e pondo-as para fora da sala , obtemperou ; -“Pedir para deixar pais de família presos mais tempo quando não existe prova nos autos ? Eu não posso acreditar nesse pedido. Ponham-se daqui para fora ... ” Depois desse fato , estranhamente , dizem, o Juiz veio a sofrer forte e interminável perseguição em decorrência das calúnias de que foi vítima, o que lhe causou intenso sofrimento. Seu bondoso coração explodiu num infarto . Pagou com a vida seu desassombro. Coisas de revolução... Coisas da Revolução Qualquer revolução é sempre perigosa...

Juizite?

O Juiz, jovem ainda, havia recém chegado a Comarca. Queria impor disciplina, impor ordem, impor respeito. E começou por entrevistar todos os funcionários do Cartório. Não se poderia dizer que ele estava com a famosa “juizite” (doença mais característica e perdoável nos novos magistrados, mas, que acompanha alguns por toda uma vida, o que é imperdoável...) Era novo e queria marcar seu território. Resolveu entrevistar também, inclusive, os oficiais de justiça que prestavam serviços na Vara, reunindo-os em sua sala. Foi então que resolveu ouvir o oficial de Justiça Beleza. Perguntou-lhe o magistrado - “Qual é o seu nome?” Respondeu o oficial : - “É Beleza, Excelência”. Imprudentemente, perguntou em seguida o Magistrado - “E Beleza é nome de gente?”. A resposta não se fez esperar, e foi através uma outra pergunta, pronta, incisiva e atrevida : - “Meritíssimo Doutor Bandeira, e Bandeira é?” E nesse mesmo instante encerrou-se a entrevista com os agradecimentos do Magistrado pela cooperação dos funcionários...

Mandados ao mar.

E dizem que foi o mesmo oficial de justiça Beleza, cobrado por ordem do MM. Juiz para a devolução de cerca de cem mandados que lhe foram confiados e que não eram devolvidos, para justificar o atraso e desídia, deixou-os, propositadamente, cair ao mar. Isto aconteceu na travessia da balsa existente para transportar veículos e pessoas entre as Cidades de Santos e Guarujá. Certificou então o pitoresco meirinho em certidão única e manuscrita o seguinte : “Certifico e dou fé que atravessando o estuário e trazendo nas mãos os mandados retro noticiados, vi-me surpreendido por uma lufada de vento, que lançou os mandados que estavam em meu poder nas águas do oceano, perdendo-se todos, razão pela qual não me foi possível cumpri-los”.

“Zé do Passarinho”.

- “O Senhor tem apelido?” Perguntou-lhe o Juiz logo que iniciado o interrogatório. - “José do Passarinho, Excelência, respondeu o velho acusado...” - “Qual a sua profissão?” Perguntou-lhe o Juiz. - “Eu crio passarinhos e negocio com eles para sobreviver”, respondeu o acusado...” - “Que espécie de pássaros? Como o Senhor faz para criá-los?” Perguntou-lhe ainda. E o réu foi descrevendo, etapa por etapa, calmamente, como fazia para a criação, especialmente dos curiós para os quais fornecia sementes de maconha para apurar-lhes o canto. Terminado o relato, ouvido atenta e pacientemente pelo Juiz, disse o Magistrado: - “Agora vamos aos fatos: o senhor está preso em flagrante e processado por porte de entorpecente...” e leu a denúncia, prontamente rebatida pelo réu; se havia alguma semente apreendida, era para os

curios.... , informou. Terminado o interrogatório comentou o Juiz com o escrevente Robertão: -“Sr.Roberto: um homem que cria passarinhos e ama a natureza não pode ser um criminoso. Traga um impresso de alvará de soltura enquanto eu despacho aqui nos autos...”

O convidado.

Na Vara do Júri da Comarca de São Vicente, que fica contigua a de Santos, o Juiz Presidente da Sessão foi informado que uma das testemunhas a ser ouvida, deveria estar bêbada pois exalava cheiro de álcool e não dizia coisa com coisa. Ainda assim, para certificar-se da informação e como era testemunha presencial, o Juiz convocou-a para a sua qualificação. A testemunha sentou-se no lugar apropriado, em cadeira que estava no meio do Plenário, frente ao microfone, e o Juiz, determinou: - “O Senhor pode levantar”. E depois de perguntar-lhe o nome e endereço, indagou:- “O Senhor bebe?” ao que a testemunha, com voz pastosa e arrastada, mas prontamente, respondeu: -“Aceito sim Senhor”. E diante das gargalhadas gerais do próprio Juiz , do Promotor , do Advogado, dos Serventuários e da platéia que a tudo assistia , mais não disse e nem lhe foi perguntado...

Morosidade da Justiça.

Houve um tempo dos Juízes substitutos itinerantes. Eles, como explicava um velho magistrado que viveu nessa época , contando a sua desdita , sobraçavam autos de processo de uma comarca para outra. Dizia ele, batendo no próprio peito:- “Este Homem , muitas vezes, ele e sua mulher , sobraçando autos de processo , percorreram as estradas de ferro do interior do Estado de São Paulo, sem descanso, de uma comarca para outra , a fim de atender ao expediente forense” . Sobraçava autos na ida para uma das comarcas do percurso itinerante e sobraçava autos na volta , para poder despachá-los. Repetia diariamente o mesmo sobraçar, mês após mês. Dizem que é por isso que muitos processos não se resolviam e se eternizavam com cheiro de sovaco. Esses processos eram levados de cá para lá , de lá para cá, sem receberem decisão. Infelizmente, ainda hoje, dizem , que embora não sejam mais sobraçados , tendo em vista a tecnologia, muitas vezes os processos continuam a ir de lá para cá, de cá para lá, não se encerram, aguardando uma solução..

Marcação cerrada.

A testemunha, homenzarrão com quase dois metros de altura, apresentou-se para ser ouvida. Era um homem bronco e embora já com as mãos embranquecidas, ainda estava forte e vigoroso. O Juiz, baixote, mais envelhecido, reconheceu seu antigo adversário das lides futebolísticas. O Magistrado que estava sentado, levantou-se e descendo do estrado que guarnecia a sala de audiências, aproximando-se da testemunha, disse: :- “Você não se lembra de mim, Eu sou o “Ferreirinha”. Lembra se de mim? Eu jogava na ponta esquerda e você era zagueiro”. E o homenzarrão, então, lembrou-se. Lembrou, com certeza, inclusive das botinadas que aplicara no Ferreirinha, para evitar que aquele então ponteiro ágil e ligeiro, cruzasse para a área e resultasse em gol. . Abraçaram-se efusivamente. Já voltando ao estrado, sentando-se reiniciou a inquirição: - “Consta deste processo que o acusado esfaqueou a vítima, ferindo-a na região peitoral. . O que o senhor sabe a respeito?” Respondeu a testemunha: - “Senhor, não, “Ferreirinha”, para com essa cerimônia toda, eu sou o “Paulão”. Você acabou de me abraçar” - “Ferreirinha” uma ova”, redarguiu o ex-ponta esquerda, -“aqui onde estou eu sou o Juiz, eu sou o Magistrado...” e continuou normalmente a inquirição, não sem antes adverti-lo das conseqüências do falso testemunho ...